

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

GABRIEL CASARIL

**BRASIL, CHINA E MERCOSUL: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES COMERCIAIS
E SEUS EFEITOS SOBRE O BLOCO ECONÔMICO**

CURITIBA

2018

GABRIEL CASARIL

**BRASIL, CHINA E MERCOSUL: UMA ANÁLISE DAS RELAÇÕES COMERCIAIS
E SEUS EFEITOS SOBRE O BLOCO ECONÔMICO**

Monografia apresentada como requisito básico
para a Conclusão do curso em Bacharelado em
Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais
Aplicadas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Professor Dr. Mauricio Bittencourt.

CURITIBA

2018

RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar a similaridade das exportações brasileiras e chinesas para o MERCOSUL entre os anos de 2008 e 2017, e suas penetrações relativas, de modo a entender as alterações no padrão de comércio entre esses países e mensurar os possíveis impactos negativos que a expansão chinesa estaria gerando. Para essa análise, foram utilizados dados de comércio da plataforma “Trademap”, desagregados em 6 dígitos segundo o Sistema Harmonizado (HS6). O índice de similaridade das exportações (ISE) dos dois países para o MERCOSUL foi calculado segundo a metodologia proposta por Finger e Kreinin (1979), utilizando o preço dos produtos como “proxy” para sua qualidade, a partir do qual eles podem ser classificados como diferenciados horizontal e verticalmente. As penetrações foram calculadas através das exportações dos dois países e o tamanho das economias importadores. A análise dos dados demonstrou que a China dobrou suas exportações em valores absolutos para o MERCOSUL no período observado, enquanto o Brasil as manteve constantes. O aumento da penetração chinesa no bloco e a redução brasileira (as exportações brasileiras se mantiveram constantes, mas o PIB dos países aumentou) corroboram com essa análise. Entretanto, o número de produtos similares exportados não aumentou no mesmo ritmo, assim como o próprio ISE, que passou de 0,19 para 0,21. Quando considerados os índices de diferenciação vertical superior e inferior, agregados e decompostos setorialmente, pôde-se observar uma prevalência da diferenciação vertical superior das exportações brasileiras, o que indica um maior valor agregado nos produtos exportados ao MERCOSUL pelo Brasil que os correspondentes chineses. O grande aumento nas exportações chinesas ao MERCOSUL indica um cada vez maior interesse da China pelos países latino americanos. Porém, o pequeno aumento dos produtos similares importados e do ISE, que ainda se mantém em um patamar relativamente baixo, sugerem que a concorrência chinesa ainda não é uma ameaça ao Brasil nesse mercado. A prevalência de diferenciação vertical superior dos produtos brasileiros reforça essa análise ao indicar que, mesmo em casos onde há similaridade nas exportações, os produtos brasileiros são destinados a mercados diferentes (mais exigentes) que os chineses, fator que ameniza o já pequeno aumento da similaridade nas exportações.

Palavras-chave: Penetração das exportações. Índice de similaridade exportações.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the similarity of Brazilian and Chinese exports to MERCOSUR between 2008 and 2017, and their relative penetrations, in order to understand the changes in the pattern of trade between these countries and to measure the possible negative impacts that the Chinese expansion would be generating. For this analysis, trade data of the "Trademap" platform were used, disaggregated in 6 digits according to the Harmonized System (HS6). The MERCOSUR index of export similarity (ISE) was calculated according to the methodology proposed by Finger and Kreinin (1979), using the price of products as a proxy for their quality, from which they can be classified as horizontally and vertically differentiated. Penetrations were calculated through the exports of the two countries and the size of the importing economies. Data analysis showed that China doubled its exports in absolute terms for MERCOSUR in the observed period, while Brazil kept them constant. The increase in Chinese penetration in the bloc and the Brazilian reduction (Brazilian exports remained constant, but the country's GDP increased) corroborate this analysis. However, the number of similar products exported did not increase at the same pace, as did the ISE itself, which increased from 0.19 to 0.21. When considering the upper and lower vertical differentiation index, aggregated and decomposed, a prevalence of the top vertical differentiation of Brazilian exports was observed, which indicates a higher value-added in the products exported to MERCOSUR by Brazil than the Chinese correspondents. The large increase in Chinese exports to MERCOSUR indicates an increasing interest of China by the Latin American countries. However, the small increase of similar imported products and ISE, which still remains at a relatively low level, suggest that Chinese competition is still not a threat to Brazil in this market. The prevalence of higher vertical differentiation of Brazilian products reinforces this analysis by indicating that, even in cases where there is similarity in exports, Brazilian products are destined to different markets (more demanding) than the Chinese ones, a factor that alleviates the already small increase in similarity exports.

Keywords: Exports penetration. Exports similarity index.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ÍNDICE DE SIMILARIDADE DAS EXPORTAÇÕES.....	18
FIGURA 2 - EVOLUÇÃO DOS ÍNDICES ISE^H , ISE^{V-INF} E ISE^{V-SUP} - PERÍODO 2008 A 2017.....	21

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – COMPOSIÇÃO SETORIAL DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA CHINA PARA O MERCOSUL	16
TABELA 2 – NÚMERO DE PRODUTOS EXPORTADOS PELO BRASIL, PELA CHINA E, SIMULTANEAMENTE, POR AMBOS OS PAÍSES PARA O MERCOSUL POR SETORES.....	17
TABELA 3 – DECOMPOSIÇÃO DO ÍNDICE ISE EM ISE^H , ISE^V , ISE^{V-SUP} E ISE^{V-INF}	18
TABELA 4 – ÍNDICE DE SIMILARIDADE DAS EXPORTAÇÕES (ISE) POR SETORES INDUSTRIAIS.....	19
TABELA 5 – DECOMPOSIÇÃO DO ÍNDICE ISE EM ISE^H E ISE^V POR SETORES.....	20
TABELA 6 – DECOMPOSIÇÃO DO ÍNDICE ISE^V EM ISE^{V-INF} E ISE^{V-SUP}	21
TABELA 7 – DECOMPOSIÇÃO DO ÍNDICE ISE^V EM ISE^{V-INF} E ISE^{V-SUP} . (PORCENTAGENS MÉDIAS POR SUBPERÍODOS)	24

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA CHINA PARA O MERCOSUL.....	15
--	----

Sumário

RESUMO	3
1 – INTRODUÇÃO	7
2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	8
2.1 Modelos de comércio internacional.....	8
2.2 O crescimento chinês	9
2.3 A concorrência chinesa.....	11
3 - METODOLOGIA	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	15
4.1 EXPORTAÇÕES E SIMILARIDADE	15
4.2 PENETRAÇÃO CHINESA E BRASILEIRA NO MERCOSUL	24
4.3 BRASIL, ARGENTINA, CHINA E O MERCOSUL	25
5 – CONCLUSÕES	27
6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1 – INTRODUÇÃO

As reformas na agricultura e indústria, realizadas na China cerca de 40 anos atrás, foram de extrema importância para que o país saísse de uma condição de extrema pobreza para figurar entre as maiores economias do mundo. Baseado em um grande aumento nas exportações e em atração de investimentos externos, esse modelo de crescimento, conhecido como "*export led growth*", fez com o que o país asiático aumentasse sobremaneira sua penetração em mercados cada vez mais distantes, desafiando as limitações explicitadas pelos clássicos modelos de comércio internacional. Segundo Pereira (2002), no ano de 2000, a participação da China nas exportações mundiais era de 4%, em sétimo lugar na lista de exportadores. Já em 2011, ela passou a ser o maior exportador mundial, com uma participação de 10,4% e uma pauta cada vez mais diversificada e tecnológica. É a partir da observação da crescente influência e importância chinesa sobre a economia de terceiros mercados, que a China passa a ser cada vez mais um dos focos de estudos na área de Economia Internacional. A exemplo, Cunha (2007) afirma que a maior presença chinesa nos mercados mundiais manifesta-se em ao menos três dimensões, através de efeitos transbordamento: em seu *drive exportador*, que impõe uma maior pressão competitiva sobre economias industrializadas e em desenvolvimento; em sua demanda por matérias primas e energia; e enquanto polo atrator de investimentos.

A grande demanda por matérias primas e energia culminou no surgimento do "*boom das commodities*", em 2002. Dado o perfil das exportações brasileiras, baseado em produtos com menor valor agregado, como bens primários e manufaturas baseadas em recursos (MIRANDA, 2017), e considerando que o Brasil possui o parque industrial mais desenvolvido da América Latina, a grande demanda chinesa por bens primários resultou em um grande aumento no valor agregado desses produtos, proporcionando sucessivos *superávits* primários, melhorias nos padrões de consumo e em altas taxas de crescimento dos países latino-americanos. Entretanto, essa realidade não se aplica a todos os países da América Latina, que, apesar de também se beneficiarem da expansão chinesa, apresentaram *déficits* comerciais em favor da China.

O grande aumento na exportação de manufaturados chineses a baixos custos inseriu nas cadeias de consumo uma população com menor poder aquisitivo, propiciando melhoria em seus padrões de vida e dinamizando a economia. Entretanto, dois possíveis efeitos negativos podem ser observados: i) o padrão de comércio centro-periferia, caracterizado pela diferença nas pautas de exportação, dadas as vantagens comparativas,

gera desafios à balança comercial e a industrialização a longo prazo; ii) diferente do padrão exportador Brasileiro ao mundo, as exportações para o MERCOSUL são pautadas em produtos com maior valor agregado, e o aumento da penetração chinesa nesse mercado poderia estar deslocando as exportações brasileiras, mais uma vez dificultando um crescimento industrial e prejudicando a balança de pagamentos devido a uma possível redução na pauta exportadora.

Esse estudo explora o segundo problema, analisando as estruturas de exportação brasileira e chinesa ao MERCOSUL entre os anos de 2008 e 2017. Através do índice de similaridade proposto por Finger e Kreinin (1979), é possível ter uma boa dimensão dos reais efeitos da expansão chinesa no bloco. O índice e suas desagregações permite identificar como a similaridade (e concorrência) entre os países evoluiu ao longo do período analisado, apresenta dados sobre as qualidades relativas das exportações, expondo as diferenças nos valores agregados (o que gera efeitos no parque industrial dos exportadores), e mostra os diferentes esforços por uma diversificação na pauta exportadora. Ainda, uma contribuição metodológica deste trabalho é a desagregação do índice de similaridade a nível de produtos, permitindo uma visão mais detalhada a respeito do padrão de comércio observado. Em um segundo momento é feita uma análise da penetração brasileira e chinesa no MERCOSUL. Aqui, mais uma vez, mede-se a competitividade entre os dois países nas importações do bloco, agora sob a ótica de suas grandezas frente ao tamanho das economias e entre si. Essa análise permite entender a real influência brasileira e chinesa nos PIB dos países do MERCOSUL, bem como a fazer um comparativo entre a importância relativa dos dois países. Por fim, estuda-se também algumas das dificuldades que impedem uma maior integração entre o bloco econômico, em especial entre as duas maiores economias (Brasil e Argentina), dificuldade esta que reduz barreiras de entrada nesse mercado, gerando uma conjuntura propícia para a maior penetração e concorrência chinesa.

A partir dessas análises pode-se ter um bom panorama da real influência do aumento da penetração chinesa no bloco e dos desafios que ela estaria gerando.

2 – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Modelos de comércio internacional

A partir dos questionamentos a respeito da adequação empírica de antigos modelos de comércio internacional, como o modelo Heckscher Ohlin (H-O), segundo o qual o intercâmbio comercial entre dois países é determinado por suas vantagens comparativas entre os fatores de

produção capital e trabalho – onde os países capital-abundantes, mais ricos, especializar-se-iam em produtos capital-intensivos, e os países trabalho-abundantes, mais pobres, especializar-se-iam em produtos trabalho-intensivos, passam a surgir novos modelos que se propõem mais fidedignos aos padrões observados. Linder (1978) afirma que quanto mais parecidas as estruturas de demanda de dois países, tanto mais intensivo, potencialmente, será o comércio entre eles, e, que dentre os fatores que determinam essa estrutura de demanda, renda é o mais importante. Krugman (1981), na mesma linha de argumentação, afirma que quanto mais parecidas as estruturas de dotação entre dois países, mais intensivo será o comércio entre eles.

Bittencourt et al. (2018) afirma que o comércio internacional pode se dar de maneira inter-industrial (de origens industriais diferentes), explicado pelo conceito de vantagens comparativas, e intra-industrial (de mesmas origens industriais), que opera em um cenário de concorrência monopolística e cuja importância depende do grau de semelhança entre os países (Krugman e Obstfeld, 2005). O comércio intra-industrial dependeria então da capacidade dos países em diferenciar seus produtos, diferenciação essa que se daria a nível de produto, e que pode ser horizontal, cujo determinante de demanda seria a variedade, e vertical, cujo determinante seria a qualidade. Ainda, a diferenciação vertical seria uma consequência direta das funções de produção dos parceiros comerciais.

A diferenciação vertical entre os produtos (ou diferenciação por qualidade) seria um fator atenuante da concorrência por mercados externos na medida em que os produtos seriam destinados a mercados diferentes, e que os países tecnologicamente superiores seriam exportados por países mais desenvolvidos (BITTENCOURT et al., 2018).

2.2 O crescimento chinês

O intenso crescimento econômico chinês das últimas décadas - entre 1990 e 2002 a China cresceu quase 10 vezes mais que a média latino-americana - tem sido alvo de intensa discussão na literatura acadêmica desde então. A ascensão de Deng Xiaoping como líder da República Popular da China, em 1978, é apontada como ponto de inflexão na economia chinesa, que, a partir de inúmeras reformas, iniciaria uma fase de crescimento sem precedentes, culminando em uma massiva penetração chinesa nos mercados mundiais. Acioly, Pinto e Silva, (2012) afirmam ter sido a parceria iniciada com os Estados Unidos em 1978, que permitiu a inclusão chinesa nos mercados de bens de capitais norte-americanos, de grande importância para essa série de reformas.

Segundo Fernando Marcelino Pereira (2016), as primeiras grandes alterações ocorreram na agricultura, com ações como encorajamento da especialização de colheita, introdução de um sistema de propriedade privada e aumento nos preços dos produtos agrícolas, para depois serem iniciadas as reformas nas indústrias urbanas, principalmente

com a criação das Zonas Econômicas Especiais, áreas dentro da China com um mercado mais liberalizado, de modo a atrair investimentos estrangeiros e tecnologia. Entende-se então que a liberalização da economia chinesa em áreas estratégicas, sem haver, entretanto, um rompimento com o controle estatal, foi de extrema importância para o sucesso dos planos de crescimento. Nesse sentido, Barbosa (2011) afirma que a competitividade chinesa pode ser explicada por planejamento estatal, ganhos de produtividade em escala, altas taxas de investimento, abundante mercado de crédito, câmbio desvalorizado e mão-de-obra barata, mesclando investimentos diretos estrangeiros de modo a criar uma indústria de exportação e políticas para desenvolvimento doméstico de setores com alta tecnologia. Tais investimentos, segundo Taguchi e Wang (2017), aumentaram a taxa de crescimento da produtividade da indústria chinesa e estimularam investimento doméstico, importações e exportações. É a chamada economia socialista de mercado: o mercado, sob o controle macroeconômico estatal, deve ser a base para alocação de recursos na economia chinesa (Fernando Marcelino Pereira 2016). Entre as rubricas que mais ajudaram a alavancar esse crescimento econômico, De Conti e Blikstad (2017) afirmaram terem sido a formação bruta de capital fixo (FBKF) e consumo final (este último a partir de 2010) os principais vetores de dinamismo da economia da China. Como resultado, a renda per capita da China saltou de US\$ 205.1 em 1980 para US\$ 4282.9 em 2010, tornando-se o maior centro exportador do mundo. Enquanto isso, a América Latina fez tratados de livre comércio e políticas econômicas recomendadas por países desenvolvidos através de órgãos como FMI (BARBOSA, 2011). De 1960 a 2002, a América Latina apresentou desindustrialização relativa.

Inicialmente, a expansão comercial chinesa se baseou na exportação de produtos intensivos em mão-de-obra. Foi na década de 1980 que suas exportações passaram a englobar também produtos intensivos do complexo eletrônico, se consolidando ainda na década de 1990 como líder mundial nesse segmento. Na década de 2000 essa aproximação se deu de maneira ainda mais acelerada, de modo que as exportações brasileiras para a China aumentaram de US\$ 441 milhões, em 2000, para US\$ 14 bilhões, em 2011, sendo a soja o principal produto, representando US\$ 10,9 bilhões (78,08% do valor total das exportações brasileiras para o país asiático) (MASSUQUETTI, CAMPETTI, KOCK, TAMIOSSO, 2013).

Se antes os principais destinos do agronegócio brasileiro eram os mercados norte-americano e europeu, agora houve um deslocamento para a Ásia. Hoje, ela é um dos principais parceiros comerciais do Brasil, que registra constantes saldos positivos no balanço de pagamentos no comércio com a gigante asiática, evidenciados por uma grande

assimetria: a China representa 32% e 42% das vendas externas brasileiras de ferro e de soja, respectivamente, enquanto o Brasil representa, aproximadamente, 2% das exportações chinesas, considerando os principais produtos importados pelo Brasil (MASSUQUETTI, CAMPETTI, KOCK, TAMIOSSO, 2013). Essa intensa relação chinesa com a América Latina, ao menos a curto prazo, tem gerado efeitos positivos para o Brasil. Segundo De Conti e Blikstad (2017), foram eles: i) o efeito primário sobre a demanda agregada por commodities agrícolas e minerais e a consequente elevação em seus preços permitiu expressivos superávits comerciais; ii) os investimentos diretos estrangeiros (IDE) em infraestrutura têm aumentado em ritmo acelerado, contribuindo para redução nos custos de transporte e aumento da competitividade internacional; iii) a mudança de preços relativos causada pela capacidade chinesa de produzir bens manufaturados a baixo custo favoreceu a aquisição desses bens por uma classe trabalhadora antes marginalizada; iv) ao aumentar o dinamismo das economias dos principais parceiros latino-americanos do Brasil (em função da demanda chinesa por commodities, muito embora o subcontinente tenha registrado sucessivos déficits comerciais em favor da China), aumentou também a demanda latino-americana por manufaturados brasileiros.

2.3 A concorrência chinesa

Se a afirmação de Thomas Chaney (2017) de que comércio de longa distância seria uma prerrogativa de firmas grandes está correta, a China é uma ótima demonstração desse fato. Segundo Yan Zhang (2016), no final do século XX se iniciou uma tendência de aumento das medidas antidumping de vários países da América Latina em relação a China, que se tornou o maior exportador mundial. Tais medidas culminaram, de maneira heterogênea, em uma tendência de redução na penetração chinesa nesses países, principalmente em quantidades exportadas. Também foi observada uma tendência de saída do mercado de exportações para esta região de “*players*” menores. Entretanto, apesar dessas medidas terem impactos positivos na redução das importações da China por esse mercado (muito embora os impactos tenham sido diferentes para cada país), a expansão chinesa na América Latina é expressiva e preocupante. Inmaculada e Martínez-Zarzoso (2018) afirmam existir uma relação positiva entre investimento direto estrangeiro chinês (FDI) e fluxo comercial entre China e o país que recebe os investimentos. No estudo, analisou-se uma amostra de 167 países entre os anos de 2003 e 2017 e concluiu-se que, quanto maiores os investimentos chineses nesses países, maiores os fluxos de importação e exportação. Comparando-se esses resultados com a crescente penetração chinesa na

América Latina, a afirmação de Hiratuka (2018) de que os investimentos diretos chineses na região têm aumentado reforça a tese.

Se, em um primeiro momento a China possa ter se mostrado um importante aliado comercial para o Brasil enquanto mercado para o escoamento das commodities brasileiras e como parceiro investidor, recentemente tem-se alertado para os desafios que a expansão chinesa gera, em especial para países com parque industrial já mais consolidado, como o caso brasileiro. Nesse sentido, inúmeros estudos têm sido feitos com o intuito de medir os impactos do comércio chinês sobre as exportações brasileiras em diferentes mercados. Apesar das diferentes metodologias utilizadas pelos estudos, a maioria tem em comum o uso de índices de similaridade para mensurar, qualitativa e quantitativamente, as mudanças nas estruturas de exportações dos dois países para mercados selecionados, e como essas mudanças estariam correlacionadas.

Há um certo consenso entre a comunidade acadêmica de que a maior penetração chinesa no mercado norte-americano deslocou as exportações brasileiras. Segundo Filgueiras e Kume (2010), de 2000 a 2005, o aumento das exportações chinesas tornou sua pauta de exportações mais similar à do Brasil, o que pode ser observado através dos índices de similaridade e da relação de produtos exportados por ambos os países. Ainda, o aumento do número de produtos comuns exportados por China e Brasil, de 2792 em 2000, para 5085 em 2008, revela a competição entre os países. Houve uma redução de quase 50% dos produtos que eram exportados exclusivamente pelo Brasil, enquanto os exportados exclusivamente pela China aumentaram de 6405 para 7981. Cabe também analisar o que aconteceu com os 806 produtos que em 2002 eram exportados pelo Brasil, mas não pela China: em 2006, apenas 193 destes produtos continuaram sendo exportados exclusivamente pelo Brasil, 282 passaram a ser exportados também pela China, e 161 foram abandonados pelo Brasil, sendo exportados somente pela China (FILGUEIRAS E KUME, 2010). O deslocamento dos produtos brasileiros no mercado norte-americano ocorreu principalmente nos setores de máquinas e equipamentos, metais, têxtil e vestuário e químicos. A partir de então, o índice de similaridade volta a cair. Apesar de o Brasil exportar para os Estados Unidos uma variedade menor de produtos do que a China, a qualidade das exportações brasileiras é relativamente superior a chinesa.

Em relação ao mercado latino americano, o que se observa é um aumento da concorrência entre Brasil e China, sem, no entanto, haver ainda um deslocamento na pauta de exportações de um país a favor de outro. Zangri (2015) afirma que de 2002 a 2014 houve uma reprimarização da pauta exportadora do Brasil para a América Latina, evidenciada pelo

aumento de 10% para 23% na participação de produtos primários exportados para a região durante o período, consequência do “boom” das “*commodities*” que teve a China como principal agente causador. Esse fato por si só não evidencia uma maior concorrência chinesa, mas é preocupante ao se considerar que, no mesmo período, a porcentagem de “*commodities*” na pauta de exportação da China para a América Latina passou 3% para 1%.

Segundo Hiratuka e Sarti (2009), os índices de similaridade sugerem que a concorrência chinesa é muito menor com os países da América Latina que em outros países em desenvolvimento, como os do Sudoeste Asiático. Entretanto, considerando que a China têm aumentado suas exportações cada vez mais em setores intensivos em tecnologia, Acioly, Pinto e Silva (2012), apontam que o Brasil é bastante prejudicado pela expansão chinesa por possuir um parque industrial bastante diversificado, diferentemente dos demais países da região. Hiratuka e Sarti (2009) apontam também um aumento crescente da concorrência chinesa com o Brasil nos mercados do Aladi, MERCOSUL e Nafta, evidenciados pelo crescimento do “*market-share*” chinês em relação ao brasileiro nessas regiões e aos índices de similaridade, que indicam uma aproximação das estruturas de exportação para essas regiões. De 2010 a 2014, as exportações brasileiras para a América Latina permaneceram praticamente estagnadas, enquanto a China ganhou cada vez mais espaço. Nesse sentido, entende-se a necessidade de o Brasil adotar políticas pautadas na exportação de industrializados de modo a ficar cada vez menos dependente da volatilidade dos preços das “*commodities*” e fazer frente à expansão chinesa, cuja pauta de exportação para a América Latina ainda está baseada em produtos com valor agregado menor que a do Brasil (CARMO, BITTENCOURT e RAIHER, 2014).

3 - METODOLOGIA

Foram coletados dados de comércio entre Brasil e MERCOSUL e entre China e MERCOSUL através da plataforma “www.trademap.org”. Os dados são referentes aos anos de 2008 a 2017, desagregados em seis dígitos segundo o Sistema Harmonizado 1992 (HS 92). Através do Índice de Similaridade de Finger e Kreinin (1979) serão identificados quais produtos são exportados simultaneamente pelo Brasil e pela China ao MERCOSUL. Posteriormente irá analisar-se se a diferenciação ocorre de maneira vertical ou horizontal, de acordo com as especializações produtivas propostas por Krugman (1981) e Falvey (1981). A mensuração da similaridade através do Índice de Finger e Kreinin (1979) pode ser representada da seguinte maneira:

$$ISE_{ijmt} = \sum_{k=1}^n \min(C_{kimt}; C_{kjmt})$$

Onde: ISE_{ijmt} denota o índice de similaridade das exportações do país i (Brasil) e do país j (China), no mercado m (MERCOSUL), no tempo t ; C_{kimt} é a participação do produto k , na pauta de exportação do país i (Brasil), no mercado m (MERCOSUL), no tempo t ; C_{kjmt} é a participação do produto k , na pauta de exportação do país j (China), no mercado m (MERCOSUL), no tempo t . O índice varia no intervalo entre 0 e 1, onde 0 corresponde a distribuições completamente distintas e 1 corresponde a similaridade perfeita.

Como no trabalho a que esse estudo se propõe atualizar, é feita uma decomposição do índice de similaridade de modo a observar se ela ocorre em produtos horizontal ou verticalmente diferenciados. Foi utilizado o critério de similaridade de Crespo e Fontoura (2004), onde a diferenciação dos produtos é definida pela divisão do valor unitário de cada produto brasileiro exportado ao MERCOSUL pelo seu correspondente chinês: se a divisão dos valores ficar próxima à unidade, assume-se diferenciação horizontal; se a divisão dos valores se afastar em demasia, assume-se diferenciação vertical (vertical superior, se maior que 1,25, e vertical inferior, se menor que 0,75). A decomposição entre diferenciação horizontal e vertical foi possível pelo uso do valor unitário do produto “ k ” como “*proxy*” para sua qualidade relativa. Tal metodologia parte dos pressupostos de informação perfeita e simétrica e escolha racional por parte dos agentes econômicos.

É importante explicitar os conceitos de diferenciação vertical e horizontal. Diferenciação Horizontal é aquela em que os produtos não possuem diferenças substanciais em termos de qualidade, mas diferenças modestas em termos de características dos produtos. Baseada na heterogeneidade da preferência do consumidor, este tipo de diferenciação pode ser ilustrado pela variedade de carros populares existentes no mercado, diferenciados horizontalmente. Diferenciação Vertical é aquela onde há diferenças substanciais na qualidade do produto, sendo isso um consenso entre os consumidores. Um exemplo é a existência de carros populares e de luxo no mercado. Nesse caso, não é a heterogeneidade da preferência dos consumidores o fator que mais influencia na compra, mas o preço, o qual estaria refletindo diferenças em qualidade.

Para o cálculo da penetração brasileira e chinesa no Mercosul, são utilizados dados a respeito dos PIB dos países, obtidos através da plataforma “www.worldbank.org”, e as exportações do Brasil e da China para os integrantes do bloco, obtidas através da

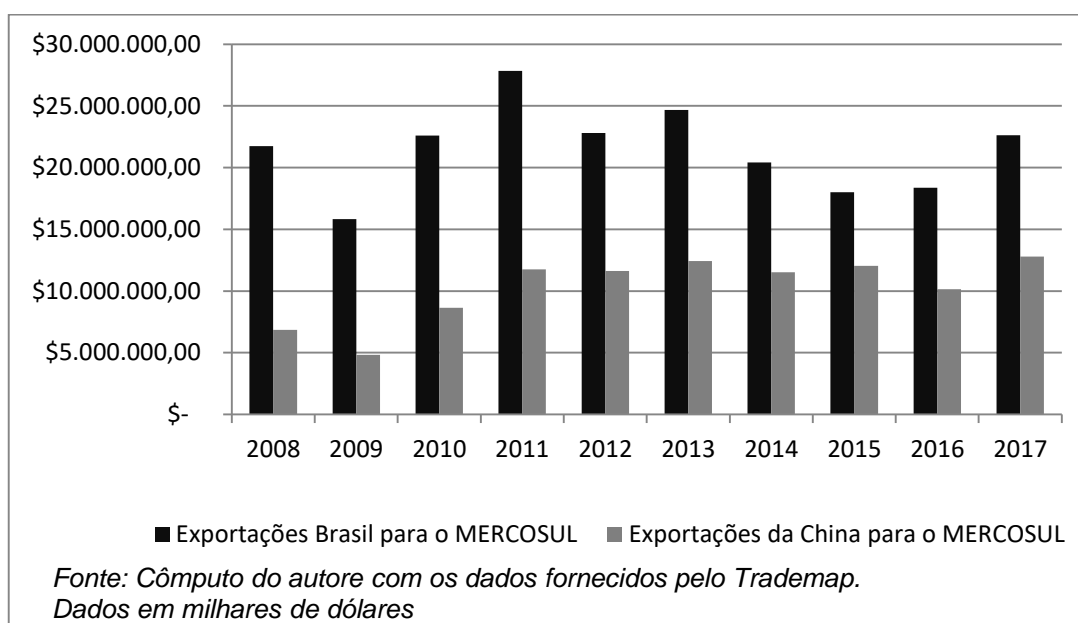
plataforma "www.trademap.org", entre 2005 e 2017. O índice é formado pela divisão simples das exportações da China ou Brasil para um país 'x' pelo PIB do país 'x'.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 EXPORTAÇÕES E SIMILARIDADE

Durante todo o período analisado, as exportações brasileiras ao MERCOSUL foram maiores que as chinesas, mas essa diferença vem diminuindo. As exportações brasileiras se mantiveram quase constantes, enquanto as chinesas dobraram (em US\$) para o período em análise. Se em 2008 as exportações chinesas ao MERCOSUL representavam 31% das brasileiras, em 2017 o número subiu para quase 56%. O gráfico 1 mostra exatamente a evolução das exportações de Brasil e China para o MERCOSUL de 2008 a 2017.

GRÁFICO 1 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA CHINA PARA O MERCOSUL, PERÍODO 2008 A 2017.



Os dados da tabela 1 estão em porcentagens médias para os subperíodos de 2008/2010 e 2015/2017, procedimento este que foi adotado em outras tabelas. No período compreendido entre 2008 e 2010, as exportações brasileiras ao MERCOSUL se concentraram em Transportes, Máquina/Elétrico, Químico e produtos Minerais, padrão que manteve-se entre os anos de 2015 e 2017, não havendo, portanto, concentração ou desconcentração nas exportações brasileiras entre os setores. As exportações da China para o MERCOSUL, entre 2008 e 2010, concentraram-se entre Máquina/Elétrico, Químico e Têxteis. Entre 2015 e 2017 o setor de transportes ganha participação relativa ao mesmo tempo em que os 3 outros principais setores perdem, o que indica uma maior diversificação

na pauta de exportação chinesa ao MERCOSUL. Ainda, os dados mostram que as pautas de exportação de ambos os países ao MERCOSUL estão mais concentradas em produtos industrializados do que em produtos primários.

TABELA 1 – COMPOSIÇÃO SETORIAL DAS EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA CHINA PARA O MERCOSUL (PORCENTAGEM MÉDIA PARA OS SUBPERÍODOS 2008/2010 E 2015/2017)

Setor	Brasil		China	
	2008/2010	2015/2017	2008/2010	2015/2017
Animal e prod. animais	0,80	1,00	0,10	0,10
Produtos vegetais	1,20	1,60	0,20	0,20
Produtos alimentícios	3,00	3,90	0,30	0,40
Produtos minerais	10,00	9,00	0,30	0,20
Químico	10,90	9,40	16,20	13,10
Plástico/Borracha	6,60	6,10	5,10	4,70
Couros e Peles	0,10	0,20	1,90	1,50
Madeira	2,80	3,40	0,80	0,90
Têxtil	2,70	2,10	10,30	10,00
Calçados	1,20	1,30	2,40	2,10
Pedra/Vidro	1,30	1,60	1,50	2,20
Metais	8,70	7,50	4,20	5,10
Máquinas/Elétrico	20,10	13,60	40,00	39,50
Transporte	28,70	37,30	8,80	10,50
Produtos diversos	2,00	2,20	7,90	9,60

Fonte: Cálculos do autor com base nos dados do Trademap.

De acordo com a tabela 2, em quantidade de produtos exportados, as exportações brasileiras ao MERCOSUL também se mantiveram constantes, cerca de 3500 produtos, enquanto as exportações chinesas aumentaram de 2931 para 3194 (cerca de 8%). Esse fato demonstra que o aumento das exportações chinesas se deveu principalmente a

exportações em maior volume de produtos que já faziam parte da pauta de exportação chinesa, dependendo menos de novos produtos. Entretanto, entre 2008 e 2017, o número de produtos exportados simultaneamente pelo Brasil e pela China ao MERCOSUL aumentou de 2470 para 2711.

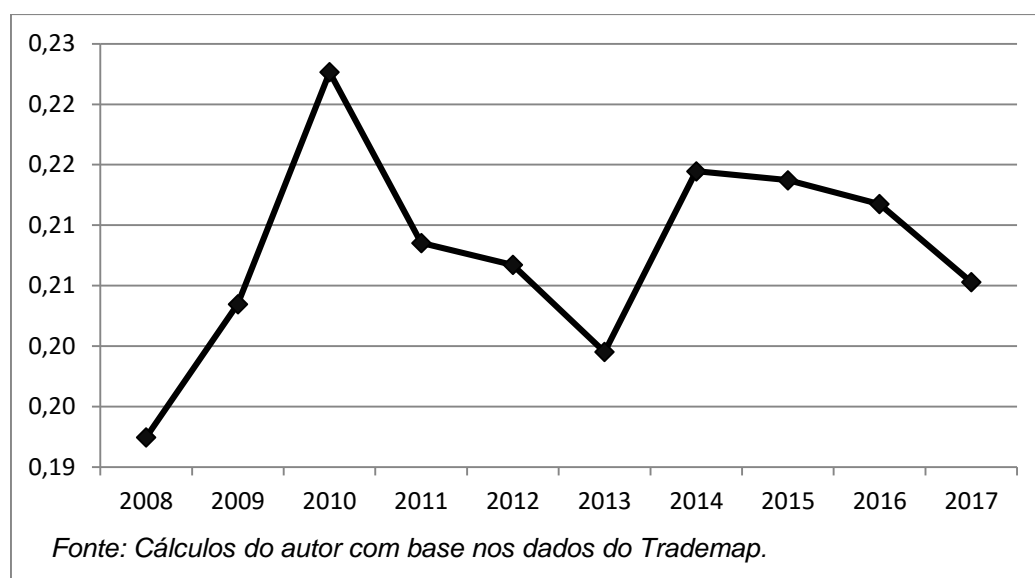
TABELA 2 – NÚMERO DE PRODUTOS EXPORTADOS PELO BRASIL, PELA CHINA E, SIMULTANEAMENTE, POR AMBOS OS PAÍSES PARA O MERCOSUL POR SETORES (VALORES MÉDIOS PARA OS SUBPERÍODOS 2008/2010 E 2015/2017).

Setor	Brasil		China		Ambos	
	2008/2010	2015/2017	2008/2010	2015/2017	2008/2010	2015/2017
Animal e prod. animais	56	52	13	20	4	3
Produtos vegetais	167	160	45	57	26	39
Produtos alimentícios	141	136	41	56	36	48
Produtos minerais	73	80	27	32	24	26
Químico	531	530	456	500	364	408
Plástico/Borracha	185	185	157	165	146	157
Couros e Peles	37	40	27	25	23	23
Madeira	153	150	110	142	94	113
Têxtil	550	565	561	578	454	483
Calçados	37	38	42	42	33	35
Pedra/Vidro	130	131	116	130	96	113
Metais	440	442	336	395	309	360
Máquinas/Elétrico	639	653	645	679	581	617
Transporte	79	91	73	89	62	71
Produtos diversos	235	230	282	284	218	215
TOTAL	3453	3483	2931	3194	2470	2711

Fonte: Cálculos do autor com base nos dados do Trademap.

A figura 1 mostra o índice de similaridade agregado para as exportações brasileiras e chinesas ao MERCOSUL. Ele cresceu de forma muito modesta, de 0,19 em 2008 para 0,21 em 2017, indicando que a concorrência chinesa ainda não é um problema para o Brasil (trabalhos anteriores indicavam um aumento considerável desta concorrência até 2009).

FIGURA 1 – EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE SIMILARIDADE DAS EXPORTAÇÕES (ISE) – PERÍODO 2008 A 2017



A tabela 3 mostra a decomposição da similaridade entre horizontal e vertical, e, desta última, em superior e inferior. Nas duas primeiras colunas de resultados podemos perceber que houve uma significativa diminuição da similaridade horizontal, de 40% para menos de 20%, demonstrando que a similaridade ocorre, majoritariamente, em produtos diferenciados verticalmente. Esse fato indica que a competição entre Brasil e China está sendo atenuada, já que os produtos estão sendo destinados a mercados diferentes (diferenciados). Decompondo-se o índice de similaridade vertical em superior e inferior, observa-se que em 2008 os produtos brasileiros já eram consideravelmente superiores aos chineses, e essa diferença só aumentou, de 63% em 2008 para 88% em 2017.

TABELA 3 – DECOMPOSIÇÃO DO ÍNDICE ISE EM ISE^H, ISE^V, ISE^{V-SUP} E ISE^{V-INF} (DADOS EM PORCENTAGEM).

Ano	ISEh	ISEv	ISE vinf	ISE vsup
2008	0,41	0,59	0,36	0,64
2009	0,30	0,70	0,30	0,70
2010	0,29	0,71	0,30	0,70
2011	0,34	0,66	0,16	0,84
2012	0,17	0,83	0,13	0,87
2013	0,29	0,71	0,23	0,77
2014	0,29	0,71	0,32	0,68
2015	0,29	0,71	0,36	0,64

2016	0,32	0,68	0,27	0,73
2017	0,17	0,83	0,12	0,88

Fonte: Cálculos do autor com base nos dados do Trademap.

Ou seja, ao mesmo tempo em que a China aumenta muito pouco a similaridade com os produtos exportados pelo Brasil, os exportados pelo Brasil estão com qualidade cada vez mais superior aos similares chineses.

Em relação a decomposição setorial da similaridade entre Brasil e China para o MERCOSUL (tabela 4), convém ressaltar que, para evitar grande dispersão nos dados, eles foram agregados em valores médios para os subperíodos: 2008/2010, 2011/2014 e 2015/2017.

TABELA 4 – ÍNDICE DE SIMILARIDADE DAS EXPORTAÇÕES (ISE) POR SETORES INDUSTRIAIS (VALORES MÉDIOS POR SUBPERÍODOS).

Setor	2008/2010	2011/2014	2015/2017
Animal e prod. animais	0,01	0,00	0,01
Produtos vegetais	0,02	0,02	0,03
Produtos alimentícios	0,20	0,21	0,24
Produtos minerais	0,03	0,11	0,05
Químico	0,18	0,17	0,19
Plástico/Borracha	0,38	0,42	0,44
Couros e Peles	0,12	0,04	0,06
Madeira	0,21	0,27	0,31
Têxtil	0,30	0,27	0,31
Calçados	0,62	0,65	0,65
Pedra/Vidro	0,34	0,33	0,26
Metais	0,28	0,31	0,31
Máquinas/Elétrico	0,26	0,26	0,27
Transporte	0,26	0,30	0,25
Produtos diversos	0,30	0,28	0,29

Fonte: Cálculos do autor com base nos dados do Trademap.

Nota-se que o setor de calçados é o que apresenta maior índice de similaridade em todos os períodos. Em seguida, aparecem os setores de Plástico/Borracha e Madeira, que tiveram grande aumento no período analisado, figurando entre os maiores índices de

similaridade no último subperíodo. O setor de Pedras/Vidros foi o que apresentou maior redução em números absolutos, seguido do setor de Couros e Peles.

Como feito anteriormente, na tabela 5 foi desagregado o ISE em ISE^H e ISE^V para os quinze setores, em percentuais médios para os subperíodos 2008/2010, 2011/2014 e 2015/2017. Mais uma vez, a similaridade vertical apresentou não apenas números muito maiores que a horizontal para a maioria dos setores, mas também uma tendência de crescimento entre os subperíodos. Destaque também para o setor Animal e Produtos Animais, que passou de uma composição quase que toda de diferenciação vertical no primeiro subperíodo para uma composição horizontal em mesma proporção no último, sugerindo que a qualidade das exportações nesse setor se tornou mais similar ao longo do tempo. Tamanha variação pode ser explicada pelo fato de que o índice de similaridade nesse setor é muito baixo, podendo ser fortemente influenciado por variações em poucos produtos.

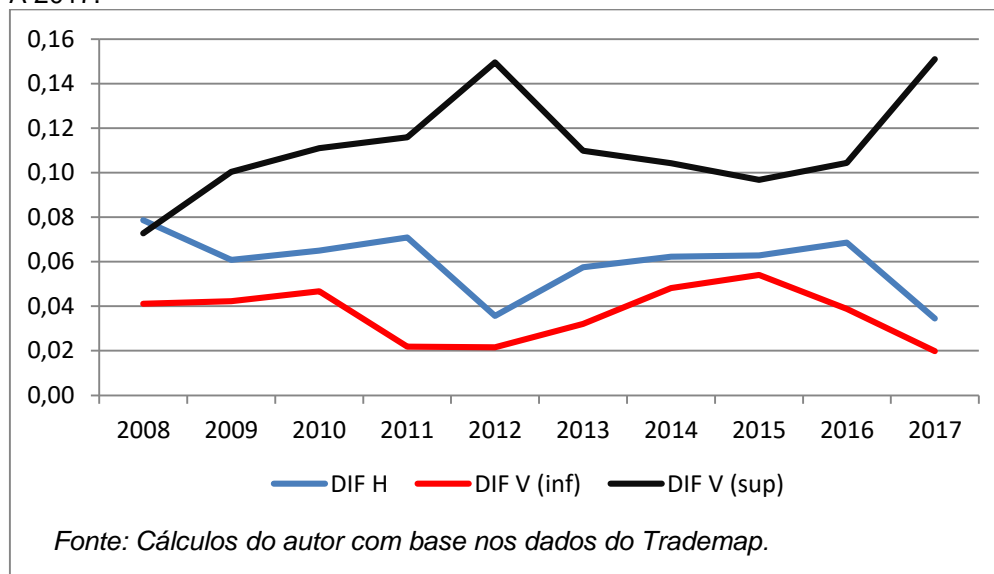
TABELA 5 – DECOMPOSIÇÃO DO ÍNDICE ISE EM ISE^H E ISE^V POR SETORES (VALORES MÉDIOS PERCENTUAIS POR SUBPERÍODOS).

Setor	2008/2010		2011/2014		2015/2017	
	ISE ^H	ISE ^V	ISE ^H	ISE ^V	ISE ^H	ISE ^V
Animal e prod. animais	0,01	0,99	0,13	0,87	0,96	0,04
Produtos vegetais	0,59	0,41	0,54	0,46	0,37	0,63
Produtos alimentícios	0,19	0,81	0,18	0,82	0,19	0,81
Produtos minerais	0,61	0,39	0,94	0,06	0,44	0,56
Químico	0,28	0,72	0,26	0,74	0,30	0,70
Plástico/Borracha	0,34	0,66	0,14	0,86	0,21	0,79
Couros e Peles	0,04	0,96	0,07	0,93	0,04	0,96
Madeira	0,53	0,47	0,51	0,49	0,36	0,64
Têxtil	0,32	0,68	0,20	0,80	0,33	0,67
Calçados	0,11	0,89	0,09	0,91	0,10	0,90
Pedra/Vidro	0,32	0,68	0,27	0,73	0,28	0,72
Metais	0,26	0,74	0,30	0,70	0,28	0,72
Máquinas/Elétrico	0,36	0,64	0,26	0,74	0,23	0,77
Transporte	0,48	0,52	0,46	0,54	0,39	0,61
Produtos diversos	0,10	0,90	0,14	0,86	0,16	0,84

Fonte: Cálculos do autor com base nos dados do Trademap.

A Figura 2 ilustra muito bem as informações contidas na tabela 5. Nela pode-se observar que houve uma redução nas diferenciações horizontal e vertical inferior, ao mesmo tempo que há um grande aumento na diferenciação vertical superior.

FIGURA 2 - EVOLUÇÃO DOS ÍNDICES ISE^H , ISE^{V-INF} E ISE^{V-SUP} - PERÍODO 2008 A 2017.



A tabela 6 mostra a decomposição setorial nos subperíodos entre superiores e inferiores, quando há diferenciação vertical. Na maioria dos setores as exportações brasileiras são de qualidade superior às chinesas, com exceção para o setor de Produtos Alimentícios, cujos dados de ISE sugerem que o Brasil exporta produtos de qualidade inferior nos três subperíodos.

TABELA 6 – DECOMPOSIÇÃO DO ÍNDICE ISE^V EM ISE^{V-INF} E ISE^{V-SUP} . (PORCENTAGENS MÉDIAS POR SUBPERÍODOS).

Setor	2008/2010		2011/2014		2015/2017	
	ISEvinf	ISEvsup	ISEvinf	ISEvsup	ISEvinf	ISEvsup
Animal e prod. animais	0,86	0,14	0,92	0,08	0,46	0,54
Produtos vegetais	0,25	0,75	0,22	0,78	0,42	0,58
Produtos alimentícios	0,62	0,38	0,74	0,26	0,86	0,14
Produtos minerais	0,82	0,18	0,44	0,56	0,05	0,95
Químico	0,15	0,85	0,09	0,91	0,14	0,86
Plástico/Borracha	0,01	0,99	0,06	0,94	0,07	0,93
Couros e Peles	0,44	0,56	0,07	0,93	0,04	0,96
Madeira	0,25	0,75	0,42	0,58	0,42	0,58
Têxtil	0,35	0,65	0,09	0,91	0,23	0,77
Calçados	0,05	0,95	0,01	0,99	0,02	0,98

Pedra/Vidro	0,35	0,65	0,38	0,62	0,30	0,70
Metais	0,05	0,95	0,14	0,86	0,05	0,95
Máquinas/Elétrico	0,54	0,46	0,29	0,71	0,35	0,65
Transporte	0,22	0,78	0,14	0,86	0,30	0,70
Produtos diversos	0,52	0,48	0,38	0,62	0,39	0,61

Fonte: Cálculos do autor com base nos dados do Trademap.

Pautado majoritariamente em exportação de produtos industrializados, China e Brasil possuem um padrão de comércio com o MERCOSUL relativamente parecido - os dados da Tabela 2 ilustram essa proposição. Nota-se que os produtos majoritariamente exportados pelo Brasil a este mercado também o são pela China, e que há uma clara concentração em industrializados. Durante o período analisado, nota-se que o Brasil manteve sua pauta de exportação quase inalterada, ao passo que a China, além de aumentar suas exportações ao MERCOSUL, demonstrou uma tendência de diversificação em seus produtos exportados.

Lima, Nassif e Carvalho Junior (1997) apontam que existem fatores estáticos e dinâmicos a influenciar os processos de exportação, dentre os quais os estáticos estariam relacionados às vantagens comparativas e os dinâmicos a uma variedade de fatores arbitrários, tais como economias de escala, externalidades econômicas, inovações tecnológicas, etc. Dado que os fatores dinâmicos seriam aqueles responsáveis por uma diversificação na pauta exportadora, os autores citam o trabalho de Maizels (1992), que sugeriu uma tipologia onde se propõe analisar diferentes estágios do desenvolvimento econômico dada a estrutura de exportação de um país: no primeiro haveria uma diversificação das “*commodities*” exportadas; no segundo haveria uma diversificação manifestada através de uma maior concentração em produtos manufaturados; no terceiro e mais sofisticado estágio, haveria também a exportação de serviços. Entende-se, então, que estruturas de exportação mais diversificadas são características de países mais desenvolvidos, com uma maior participação dos chamados fatores dinâmicos. Nesse sentido, apesar de Brasil e China aparentarem estar em um estágio de desenvolvimento parecido em relação ao MERCOSUL, a China, ao longo do recorte de tempo analisado, demonstrou uma maior habilidade no sentido de diversificar sua pauta de exportação, fator que ajuda a aumentar sua penetração nesse mercado ao mesmo tempo em que torna sua indústria mais competitiva.

O aumento da penetração chinesa no MERCOSUL é um forte indicativo de que suas exportações poderiam estar deslocando as exportações brasileiras a esse mercado, tal como aconteceu no mercado norte-americano. A China têm se esforçado no sentido de diversificar sua pauta exportadora, enquanto o Brasil apresentou pequenas alterações em seu quadro de exportação no tocante a número de produtos. Ainda, o aumento na variedade de produtos exportados pela China a este mercado se dá na mesma magnitude do aumento dos produtos similares exportados por ambos os países, o que indica uma concorrência cada vez maior. Em relação aos valores exportados em dólares, a diferença entre os países é ainda mais gritante: entre 2008 e 2017 a China dobrou seu volume exportado ao mesmo tempo em que, mais uma vez, as cifras brasileiras permaneceram estagnadas. Entretanto, se a análise dos dados brutos sugere ser a China um motivo de grande preocupação às exportações brasileiras, uma análise mais minuciosa demonstra que a concorrência entre os países em relação ao MERCOSUL ainda não é tão alta. O índice de similaridade das exportações (ISE) dá um ótimo indicativo do resultado global do crescimento chinês no MERCOSUL para o Brasil: o aumento do ISE no período analisado, de 0,19 para 0,21, sugere um modesto aumento na concorrência entre os países por esse mercado. O trabalho de Bittencourt, Raiher e Do Carmo (2014) indicava um aumento quase constante no ISE entre 1995 e 2009, o que sugeria que a concorrência chinesa poderia vir a ser um problema para o Brasil nos anos subsequentes. O atual estudo observou um aumento entre 2008 e 2010 e uma posterior tendência à estagnação no patamar de 0,21 até 2017, o que indica uma estabilização da concorrência chinesa nesse mercado.

A decomposição do índice de similaridade demonstrou uma maior concentração em produtos diferenciados verticalmente, tendência que se reforçou durante o período analisado, como pôde ser analisado na Figura 2. Esse resultado reforça a conclusão supracitada de que a concorrência chinesa no MERCOSUL não é um grande problema ao Brasil até o momento, dado que produtos diferenciados verticalmente são destinados a mercados diferentes. Já a decomposição do índice de similaridade vertical entre superior e inferior indicou, além de uma superioridade das exportações brasileiras em todo o período analisado, um cada vez maior aumento na diferença. Logo, se por um lado a diversificação e aumento da penetração chinesa no MERCOSUL sugerem estar a China rumo a um patamar cada vez mais desenvolvido, segundo a metodologia de Maizels (1992), a superioridade das exportações brasileiras a este mercado sugere que o Brasil é quem cada vez mais está agregando valor a seus produtos através de uma indústria mais desenvolvida e competitiva, de modo a cada vez mais reduzir a importância relativa das *commodities* e

ficar menos sujeito às suas oscilações de preços – resultado muito parecido com aquele observado por Filgueiras e Kume (2010) para a concorrência brasileira e chinesa no mercado norte-americano, onde, apesar do deslocamento promovido pela China aos produtos brasileiros, estes ainda são de qualidade superior aos similares chineses.

4.2 PENETRAÇÃO CHINESA E BRASILEIRA NO MERCOSUL

Segundo Zhang (2015) o coeficiente penetração de mercado é uma ferramenta simples e robusta, utilizada para medir a competitividade entre dois ou mais países por mercados externos, bem como para explicar o quanto do PIB de um país se deve a suas importações. O cálculo é feito dividindo-se as importações de um país de determinado mercado por seu PIB. As implicações desse tipo de análise, entretanto, vão além. Ashournia e Nguyen (2014) analisam o impacto das importações dinamarquesas de produtos chineses sobre três óticas: primeiro, observando a heterogeneidade da exposição das firmas dinamarquesas em face a crescente concorrência chinesa; segundo, estudando a relação entre o coeficiente de penetração de importações e as vendas domésticas; e por fim, analisando a relação entre o aumento nas importações com a desigualdade salarial. Observou-se que o aumento da concorrência impacta diferentes firmas de maneiras diferentes (a depender de tamanho e setor), mas de uma maneira geral reduz as vendas domésticas e salários.

Os cálculos seguintes, entretanto, se propõem a uma simples análise da evolução histórica das penetrações brasileira e chinesa no Mercosul como forma de contribuir com a discussão anterior, agora comparando as importâncias relativas da China e do Brasil para este mercado, bem como entre si. A tabela abaixo mostra exatamente esses dados.

TABELA 7 – PENETRAÇÕES BRASILEIRA E CHINESA NO MERCOSUL E ENTRE SI.

	Penetração Brasil				Penetração China			
	China	Argentina	Paraguai	Uruguai	Brasil	Argentina	Paraguai	Uruguai
2005	0,30	5,01	11,02	4,91	0,54	0,67	0,29	1,63
2006	0,31	5,05	11,59	5,17	0,67	0,86	3,08	2,06
2007	0,30	5,01	11,95	5,50	0,82	1,25	3,39	2,67
2008	0,36	4,87	13,44	5,41	1,11	1,40	4,13	3,38
2009	0,41	3,84	10,57	4,30	0,85	1,05	3,23	2,59
2010	0,50	4,37	12,72	3,80	1,11	1,44	5,24	3,67
2011	0,59	4,28	11,83	4,53	1,22	1,60	4,97	4,17
2012	0,48	3,30	10,64	4,26	1,36	1,44	5,43	4,71
2013	0,48	3,55	10,35	3,60	1,45	1,59	4,68	4,04
2014	0,39	2,71	10,34	5,15	1,42	1,46	4,52	4,30

2015	0,32	2,15	9,07	5,12	1,52	1,48	4,65	3,68
2016	0,31	2,42	8,10	5,21	1,22	1,30	4,26	3,37
2017	0,39	2,76	8,90	4,18	1,41	1,42	5,25	3,83

Fonte: Cálculos do autor com base nos dados do Trademap.

Entre 2005 e 2017, o PIB da China saltou de US\$ 2,286 trilhões para US\$ 12,238 trilhões, um crescimento de quase 6 vezes que evidencia a importância e influência chinesa nos mercados mundiais. Entretanto, o crescimento das exportações brasileiras a esse mercado, concentrado em commodities, foi ainda maior (de quase 7 vezes), o que resultou em um pequeno crescimento da penetração brasileira na China durante o período analisado, de 0,30% para 0,39%. Quando analisa-se a penetração chinesa no Brasil, os resultados são bastante diferentes. O PIB brasileiro saiu de US\$ 891,63 bilhões em 2005, para US\$ 2,056 trilhões em 2017, um crescimento 2,3 vezes, pequeno quando comparado ao do parceiro comercial. Já as exportações da China para o Brasil saltam de US\$ 1,35 bilhões para US\$ 28,95 bilhões um crescimento de cerca de 21 vezes, evidenciado pelo grande aumento da penetração chinesa nesse mercado. Observa-se ainda outra grande assimetria entre os países: a balança comercial brasileira é positiva em relação ao comércio com a China, entretanto, a penetração chinesa no Brasil é muito maior que a penetração brasileira na China, o que demonstra a grande diferença de tamanho entre as economias.

Em relação ao Mercosul, China e Brasil vinham aumentando suas exportações até 2008, ano da crise financeira mundial, quando enfrentaram bruscas reduções nas cifras. Entretanto, a China demonstrou uma capacidade de recuperação muito maior, multiplicando suas exportações nos nove anos que se seguiram, ao passo que o Brasil apresentou um crescimento muito menor. A crescente presença chinesa no Mercosul, representada pelo aumento absoluto da penetração chinesa nesse mercado, e a também absoluta redução da penetração brasileira nesses países indicam uma possível mudança no protagonismo econômico e político na região, hoje ainda sob liderança, embora fraca, do Brasil.

4.3 BRASIL, ARGENTINA, CHINA E O MERCOSUL

Wolffenbüttel (2007) afirma ser uma união aduaneira a associação de um grupo de países caracterizada pela livre circulação de mercadorias entre os associados e pela adoção de uma tarifa externa comum (TEC), o que significa que os participantes devem aplicar a mesma taxa à importação de bens de países de fora do grupo, o que implica na eliminação da concorrência entre os associados junto aos fornecedores. Segundo Leite e

Bezerra (2016) apesar de o Mercosul se pretender uma União Aduaneira, não faltam exceções às regras, como listas de exceções à TEC maiores do que o permitido, ou mesmo bitributação da TEC, o que compromete a harmonização de políticas comerciais. Por essas razões, o Mercosul é considerado uma União Aduaneira Imperfeita.

Brasil e Argentina, juntos, correspondem a cerca de 96% do PIB do Mercosul, portanto, a maior parte do intercâmbio comercial do bloco se dá entre os dois países. Tamanha a importância regional dos dois parceiros, suas políticas comerciais são fundamentais para traçar os rumos do bloco econômico, e é a discórdia entre os dois principais signatários uma das principais razões que explicam a dificuldade para os avanços do bloco. Benatti (2011) afirma que, sob a justificativa da alta competitividade dos produtos produzidos pelo Brasil, a Argentina por vezes praticou barreiras não tarifárias à entrada de produtos brasileiros de diversos setores, como automobilístico, da linha branca e de têxteis, levando o Brasil por vezes recorrer à OMC. Ainda sobre a falta de comprometimento argentino com uma maior integração regional, Saraiva e Scherer (2016) afirmam:

O Senado Federal da Argentina aprovou, em dezembro de 2014, um acordo-marco que viabiliza os mecanismos de cooperação econômica com a China. Além da ampliação do comércio bilateral, o instrumento prevê a facilitação de investimentos públicos e a mobilidade de mão-de-obra entre os países. A aprovação do documento insere-se no contexto da viagem oficial de Cristina Kirchner a Beijing. De acordo com o presidente da AEB, “ao assinar um acordo dessa natureza com a China, a Argentina fez o que quis e como quis com o Mercosul. Na condição de membro do Mercosul, um país não pode assinar acordos comerciais isoladamente, sem a participação dos demais parceiros do bloco. O Brasil não pode firmar um acordo de comércio com os Estados Unidos ou com a União Europeia. A Argentina atropelou princípios básicos do Mercosul ao firmar um acordo isoladamente com a China”.

Outra forma muito utilizada de barreira comercial são os licenciamentos não automáticos para entrada de produtos, que atrasam a liberação das mercadorias e muitas vezes geram entraves ao comércio. Segundo Benatti (2011), a OMC prevê esse mecanismo, desde que não seja implantado de forma discriminatória, nem por mais de 90 dias. Entretanto, a entrada de produtos brasileiros por diversas vezes demora mais que os

90 dias permitidos pela organização, e dos 580 produtos listados em licenciamento não automático à época, boa parte eram os mesmos nos quais o Brasil perdeu mercado para a China, que gozava de vantagens ao mercado argentino quando comparada com o Brasil. Isso levou, segundo Macadar (2011), a uma retaliação brasileira, também na forma de implementação de licenças não automáticas, dificultando a entrada de automóveis de qualquer origem, ciente da importância das exportações argentinas de automóveis. Ainda, episódios como a liberalização cambial promovida pelo Brasil sem aviso prévio à Argentina prejudicaram as relações entre os países, provocando retaliações e reduzindo o intercâmbio comercial (Saraiva e Scherer, 2016).

Os interesses difusos entre as duas maiores economias da América Latina parecem ser um grande entrave para o desenvolvimento das relações comerciais do bloco. Savaira e Scherer (2016) afirmam que na Argentina falava-se em Brasil-dependência, condenando as intensas relações entre os países vizinhos. De fato, a balança comercial brasileira superavitária e o maior desenvolvimento industrial do Brasil em relação à Argentina parecem ter grande influência no protecionismo argentino sob a justificativa de proteger sua indústria, o que é prejudicial para o Brasil não apenas pelo enfraquecimento do bloco, mas também pelo fato de a Argentina ser um importante mercado para escoamento de manufaturados brasileiros (Leite e Bezerra, 2016).

5 – CONCLUSÕES

O cada vez maior interesse chinês pela América Latina é um exemplo bastante didático da massiva inserção chinesa nos mercados mundiais. Hoje como fruto da maior exportadora mundial, a concorrência chinesa é preocupante em mercados para os quais o Brasil é, tradicionalmente, grande exportador. O trabalho de Filgueiras e Kume (2010) ilustra muito bem essa proposição ao demonstrar que a penetração chinesa no mercado norte-americano deslocou as exportações brasileiras. Ainda, uma análise segundo a metodologia proposta por Maizels (1992) corrobora com esta proposição ao indicar um maior esforço chinês em diversificar sua pauta de exportação de produtos industrializados ao MERCOSUL do que o Brasil. Por fim, os dados coletados por este estudo também demonstram um grande aumento na pauta de exportação chinesa ao MERCOSUL, cujas exportações (em US\$) dobraram no período analisado, ao mesmo tempo em que fica evidente uma quase estagnação brasileira. Entretanto, através do Índice de Similaridade de Exportações proposto por Finger e Kreinin (1979) e da decomposição proposta por este estudo, observou-se que a ameaça chinesa cresceu muito menos do que os valores

exportados sugerem, dado o pequeno aumento do ISE e a predominância de diferenciação vertical.

É importante destacar as diferenças no padrão de comércio Brasil-China e Brasil-MERCOSUL. No primeiro caso, temos padrão interindustrial – explicado a partir das vantagens comparativas dos países, determinadas pela abundância relativa entre capital e trabalho - onde o Brasil exporta “*commodities*” e importa produtos industrializados. Apesar da balança comercial predominantemente positiva, a exportação de produtos primários impõe desafios, como grandes oscilações de preços e impossibilidade de diferenciação de produtos. O padrão Brasil-MERCOSUL, bastante focado em exportação brasileira de bens industrializados, acaba com essas limitações, o que pode ser observado pelo alto grau de diferenciação vertical entre os produtos similares exportados por Brasil e China a este mercado.

Entretanto, os problemas enfrentados para uma maior integração regional entre os países do Mercosul representam um grande entrave à maior penetração brasileira nesses países. Saraiva e Scherer (2016) apontam que as relações Brasil-Argentina no âmbito do Mercosul são economicamente insuficientes para responder às necessidades argentinas, e que a dificuldade de o Brasil se inserir no espaço sul-americano com a mesma competitividade da China resulta em um entrave para a maior integração regional.

A redução do comércio brasileiro com o Mercosul é, portanto, consequência muito menos da maior penetração chinesa nesse mercado, que de um não alinhamento das políticas econômicas do bloco, causado, em partes, pela falta de capacidade brasileira de articular políticas que visem uma maior cooperação econômica. É nesse cenário de desorganização interna e de massivo crescimento econômico chinês que se dá a grande penetração da China no Mercosul.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABELIANSKY, ANA LUCIA; MARTÍNEZ-ZARZOSO, INMACULADA. The relationship between the Chinese 'going out' strategy and international trade. *Economics e-journal* (2018).

ACIOLY, LUCIANA; PINTO, EDUARDO COSTA; CINTRA, MARCOS ANTONIO MACEDO. China e Brasil: Oportunidades e Desafios. *A China na Nova Configuração Global*, IPEA (2011).

BARBOSA, ALEXANDRE DE FREITAS. China e América Latina na nova divisão internacional do trabalho. *A China na Nova Configuração Global*, IPEA (2011).

BENATTI, ADRIANA S. A presença da China no MERCOSUL: implicações sobre o processo de integração regional. *Revista Oikos* (2014).

CARMO, A. S.; BITTENCOURT, M. V.; RAIHER, A.P. A competitividade das exportações do Brasil e da China para o MERCOSUL: evidências para o período 1995-2009. *Nova Economia*, Belo Horizonte (2014).

CARMO, A. S.; CARMO, ALEX SANDER SOUZA; HOMPSON, STANLEY R.; CASARIL, GABRIEL. How harmful can chinese exports be to brazilian exports to Mercosur?: a similarity and quality analysis revisited (2018).

CHANEY, THOMAS. The Gravity Equation in International Trade: An Explanation. *Toulouse School of Economics, University of Toulouse Capitole* (2016).

CRESPO, N.; FONTOURA, P. Intra-industry trade by types: What can we learn from Portuguese data?. *Review of World Economic*, 140(1), p. 52-79, (2004).

CUNHA, ANDRÉ MOURA. O boom chinês e as economias latino-americanas. *Indicadores Econômicos FEE* (2007).

DE CONTI, BRUNO; BLIKSTAD, NICHOLAS. Impactos da economia chinesa sobre a brasileira no início do século XXI: o que querem que sejamos e o que queremos ser. *Instituto de Economia da UNICAMP* (2017).

DE MACADAR, BEKY MORON B. Os conflitos comerciais entre Brasil e Argentina e seus reflexos nas exportações. *Revista FEE* (2011).

FALVEY, R. Commercial policy and intra-industry trade. *Journal of International Economics*, (1981).

FILGUEIRAS, MARINA; KUME, HONORIO. A Competitividade do Brasil e da China no Mercado Norte-Americano: 2000-2008 (2010).

FIRME, VINÍCIUS DE AZEVEDO COUTO. Uma análise preditiva para o uso do instrumento *antidumping* na Argentina. *Nova econ.* vol.28 no.1 Belo Horizonte Jan./Apr. 2018.

HIRATUKA, CÉLIO; SARTI, FERNANDO. Ameaça das Exportações Chinesas nos Principais Mercados de Exportações de Manufaturados do Brasil. Instituto de Economia da UNICAMP (2009).

HIRATUKA, CELIO. Mudanças na estratégia chinesa de desenvolvimento no período pós-crise global e impactos sobre a AL (2018).

KRUGMAN, P.R.; OBSTFELD, M. Economia internacional: economia e política. São Paulo: Pearson Addison Wesley, (2005).

KRUGMAN, Paul R. Intraindustry Specialization and the Gains from Trade. Journal of Political Economy, University of Chicago Press (1981).

LEITE, ALEXANDRE CESAR CUNHA; BEZERRA, VINICIUS ARAUJO. O MERCOSUL como meio para a inserção internacional do Brasil a partir da relação bilateral com a Argentina (2011–2014) (2016).

LIMA, ERIKSOM TEIXEIRA; NASSIF, ANDRÉ; CARVALHO JUNIOR, MARIO CORDEIRO DE. Infra-estrutura, diversificação das exportações e redução do 'Custo-Brasil': limites e possibilidades. Revista do BNDES, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7 , p. [83]-121, jun. (1997).

LINDER, STAFFAN B. Ensaio sobre comércio e transformação (1978).

MASSUQUETTI, A.; CAMPETTI, P.H.M; KOCK, J.L; TAMIOSSO, R.L.O. As relações comerciais agrícolas entre brasil e china no período 2000-2011: perspectivas para o agronegócio brasileiro. Nexos Econômicos (2013).

MIRANDA, MARIA INÊS CUNHA. Fluxos de Comércio e Competitividade da China e Brasil no Mercado da ALADI no Século XXI: Comércio Intraproduto e Determinantes da Capacidade Exportadora. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Uberlândia (2017).

PEREIRA, FERNANDO MARCELINO. What's China's new model of development? Five Trends of Chinese Socialism 3.0. Texto não publicado.

PEREIRA, LIA VALLS. o efeito China nas exportações brasileiras em terceiros mercados: uma análise do constant market share. Ipea (2002).

SARAIVA, RENATO; SCHERE, CAROLINE. Os impactos da inserção da China na América do Sul sobre as relações Brasil-Argentina e o Mercosul (2011-2014). (2016).

TAGUCHI, H; WANG, Y. The Effect of Inward Foreign Direct Investment on Economic Growth: The Case of Chinese Provinces. University Library of Munich, Germany (2017).

WOLFFENBÜTTEL, ANDRÉA. O que é? União Aduaneira (2007). Disponível em: "<http://desafios.ipea.gov.br>".

ZANGRI, JOÃO GUILHERME CAMARANO. Os impactos da china nas relações comerciais brasileiras com a américa latina. Monografia, Universidade Federal do Paraná (2015).

ZHANG YAN. Impact of Latin-American and Caribbean Antidumping Measures on Chinese Exports. IDB Working Paper Series (2016).